Carmelus 70 (2023) fasc. 1, 235-254

EDITH STEIN: ASPECTOS SOBRE A QUESTÃO DA FORMAÇÃO HUMANA

VINICIUS ALEXANDRE BEIGER DA LUZ O.CARM.

INTRODUÇÃO

Em 2022, completam-se 8 décadas do martírio de Edith Theresa Hedwig Stein no campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau. Sua vida e testemunho ajudam a oferecer provas de que nada pode calar a voz da esperança, e seu pensamento filosófico representa um impulso para diversos estudos que são realizados e ainda estão para serem explorados dentro da escola filosófica, fenomenológica, teológica e histórica em que se insere a pensadora em questão.

A filosofia de Edith Stein, assentada na fenomenologia e no projeto filosófico de busca da verdade do ser, temas como a empatia, a alteridade, a pessoa, a comunidade se desenvolvem como um sol que nasce: "ontologicamente, estamos fundados nos outros"[1]. O tema da educação e formação humana aí se inserem como contribuições capazes de suscitar e promover compromissos morais e éticos constatados desde a condição humana que, na visão de Edith Stein, se constitui para além de si mesma e propõe um movimento de abertura ao outro e ao transcendente conduzindo a uma "postura de questionamento e de revelar o que é o Ser"[2].

As nuances formativas (aspectos formais-curriculares e vivenciais) em Edith Stein são pontos importantes para compreender o processo de "tornar-se" pessoa humana, visto que "educar é conduzir o outro a fim de que se realize e se torne mais humano"[3]. Em Edith

---

[1] I. NOVINSKY, *A pessoa de Edith Stein, a pessoa humana em Edith Stein,* in G.L. DOS SANTOS, M.R. FARIAS, *Edith Stein: A Pessoa na Filosofia e nas Ciências Humanas.* 18 ed. São Paulo 2014, 216.

[2] Ibid, 221

[3] A.J.G. MACHADO, *A educação steineana: aspecto estruturante da pessoa humana,* in G.L. DOS SANTOS, M.R. FARIAS, *Edith Stein*, 90.

Stein, há uma diferença entre educação e ensino. Educação se refere à pessoa inteira, a conduzi-la para ser o que deve ser por meio do autoconhecimento, da sociabilidade, do alcance da salvação e felicidade plena e eterna. O ensino, por sua vez, se refere ao desenvolvimento das capacidades cognitivas e do uso da inteligência. Tais temas não se prendem à escola ou à educação formal, mas "todos nós nas nossas relações interpessoais temos a possibilidade de ajudar a conduzir o outro para que se realize enquanto pessoa."[4].

Portanto, a presente pesquisa intenta percorrer aspectos da vida e obra de Edith Stein, trabalhando, ao longo destes, as questões constitutivas do ser pessoa humana como apresentadas pela filósofa, podendo, por fim, sintetizar contribuições ontológicas e éticas para o tempo presente, contribuindo para manter, da filósofa carmelita, um pensamento vivo e atual.

Diante do exposto, percebemos em Edith Stein que o caminho da formação humana é um contínuo e parte da compreensão filosófica do ser seguindo um diálogo com tudo aquilo que compõe a pessoa que se reconhece como "um ser racional e social, tomando consciência do seu eu corpóreo, anímico, espiritual, individual e social"[5]. Há então uma proposta pedagógica steineana que propõe um novo entendimento do indivíduo, agora descrito como pessoa humana, integrada em si mesma e na comunidade. Por isso, nos propomos a perguntar: Como acontece o processo de formação humana a partir das contribuições de Edith Stein?

Com o objetivo de apresentar as contribuições dos aspectos da formação humana à luz do pensamento steineano, percorremos o seu contexto histórico-filosófico, com enfoque na fenomenologia de Husserl, em seguida seguimos para as questões próprias do ser e da autoformação, como apresentada por Edith Stein.

Contexto Histórico-Filosófico de Edith Stein

O trabalho de Edith Stein (1891-1942) pode ser considerado um vértice de unidade entre o pensamento cristão, o judaico e o filosófico do século XX. Estudá-la é abrir tesouros comuns às três tradições sobre as quais ela está ligada e às quais viveu profundamente, até sua morte no campo de extermínio do regime nazista. As duas experiên-

---

[4] Ibid, 98
[5] Ibid, 96

cias religiosas, a que veio de sua família e a que veio de sua conversão por meio do contato com a obra de Santa Teresa D'Ávila, são aspectos do que se concretizava também na vida e obra filosófica, especialmente no tema que realiza uma ideal intersecção entre estes pilares: a questão do ser, ou, como em Edith Stein, a questão da pessoa.

O Salmo 8, descrito por denotar a grandeza de Deus e a dignidade do homem, costura também a necessidade de observarmos, a partir da figura de Stein, a dignidade homem, ainda que devastada no exemplo histórico da Segunda Guerra Mundial e dos meandros do holocausto. Resgatar a dignidade da pessoa, mostrá-la e aponta-la é também um empreendimento necessário ao perpassar a filosofia steineana, sua antropologia filosófica, e a questão da formação e da recomposição do próprio homem, em vista de seu crescimento integral.

Para tanto, Stein propõe, ao escrever sua autobiografia, e a história de sua família, a necessidade do testemunho, uma vez que "em nossos dias, ela [a juventude] está possuída pelo ódio racial desde a mais tenra infância"[6]. Ela escrevia para a juventude de seu tempo – 1933 – no entanto, ainda hoje se faz necessário, ao pensar o homem em sua integralidade, ter presente a sua história e o contexto em que ele insere.

Para entender a gênese do pensamento filosófico steineano no que tange à perspectiva da educação, é preciso expor o método fenomenológico e principalmente como este aparece em Husserl. A fenomenologia husserliana "exprime-se pela determinação em dar consistência científica à Filosofia"[7], ou seja, estabelecer na Filosofia uma sólida base, dotada de rigorosa fundamentação objetiva e indubitável. Trata, a sua fenomenologia, de constatar e descrever a realidade como se apresenta à consciência, não havendo, como em Kant, um *noumeno* adjacente ao fenômeno, mas no objetivo de firmar um estudo: "puramente descritivo dos fatos vivenciais do pensamento e do conhecimento oriundo dessa observação"[8]. Interroga-se a consciência na sua própria forma de conhecer os dados fenomenológicos, estabelecendo um método de conhecimento objetivo, exato e ideal para a Filosofia.

Portanto, o pensamento de Edith Stein se assenta sobre o método fenomenológico, e somente a partir dele é que se pode dar consistência ao seu pensamento. Estudar o ser pessoa humana em Stein, como

---

[6] E. Stein, *Autobiografia de uma família judia*, São Paulo 2018, 12.

[7] T.R. Gilles, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo1975, 131.

[8] Ibid, 132

na fenomenologia, não se liga a estudar situações relativas, como dados psicofísicos, mas empreender uma espécie de relato ou observação acerca do que constitui a pessoa voltando à coisa mesma (tarefa fenomenológica) chamada de "núcleo da personalidade"[9], a partir do qual, a pessoa caminha em seu processo de desenvolvimento pessoal.

A FENOMENOLOGIA

Edmund Husserl (1859-1938) encontrou na matemática seu objeto de estudo primeiro, mas foi na filosofia que se dedicou com maior afinco, perfazendo o caminho de construir um método que, compartilhando do pensamento cartesiano, apresentasse um rigor científico e, assim, servisse à humanidade no mundo da vida. Neste empreendimento, a redução eidética é o principal caminho apontado por Husserl em seu método fenomenológico:

> O verdadeiro método científico na filosofia será aquele que proporcione meios para um contato direto com o *eidos*, que proporciona uma perspectiva intuitiva das essências. Para Husserl, essa ciência é a fenomenologia.[10]

A ciência eidética visa cumprir a ambição de Descartes e Leibniz pela exatidão na filosofia indo à essência daquilo que se apresenta ao sujeito. Compreendendo o *eidos (essência)*, se compreende a *"coisa mesma"*[11], ou seja, a verdade do raciocínio, que não se dá somente pela sensibilidade, mas em um ato espiritual: "para chegar às essências, é preciso purificar o fenômeno de tudo que não é essencial"[12]. Assim, esta convicção é ponto de partida para compreensão objetiva do mundo e local onde a filosofia, como ciência universal, deve começar a dar seus passos, pois "só quando a filosofia se limitar a uma investigação do ser fenomenal, conseguirá a verdadeira realização como ciência universal"[13].

A esse respeito, Zilles (2016) evidencia que a fenomenologia é um exercício sintético entre o subjetivismo e o objetivismo. Importante destacar que a fenomenologia se configura como um método, ou um

---

[9] G.L. SANTOS, *Liberdade Pessoal e Liberdade alheia segundo Edith Stein*, in G.L. DOS SANTOS, M.R. FARIAS, *Edith Stein*, 36.

[10] T.R. GILLES, *História do Existencialismo*, 157.

[11] Do original em alemão: *"zu den schafen selbst"*

[12] U. ZILLES, *Panoramas das filosofias do século XX.,* São Paulo,2016, 32.

[13] T.R. GILLES, *História do Existencialismo*, 168.

"modo como o mundo aparece para a consciência, sem nenhum pressuposto"[14]. A proposta de se chegar às coisas mesmas faz com que a ciência do espírito *(gesiteswissenschaft)*, contida na fenomenologia, ofereça um panorama para a investigação da consciência. Os pilares fundamentais da fenomenologia, a saber: a ausência de pressupostos, do qual se abandona o que se sabe e se parte da coisa que se apresenta; o caráter *a priorístico* que lhe contém, sendo o estudo da consciência de como o fenômeno se apresenta; e a necessidade pela evidência apodítica, da qual não reste dúvidas na equação entre "o pensado e o imediatamente dado"[15], fazem com que essa *ciência das essências* adquira seu papel fundamental, visto que "a intencionalidade fenomenológica é a visada da consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido"[16].

Considerando, pois, o método fenomenológico e sua possibilidade de contribuição, Edith Stein o retoma como uma completa imagem de mundo: "Em cada ser humano espiritualmente vivo, encontra-se o desejo de tal visão de mundo"[17] especialmente ao afirmar que cada pessoa, em sua ocupação ou em seu contexto, terá sua forma de experienciar o mundo, embasado, ainda que não saiba, no espírito do tempo no qual a filosofia ali predominante fornece os óculos para ver o mundo. O papel da fenomenologia, é, portanto, de um constante problematizar e de identificar novas estruturas de sentido para aquilo que se apresenta na experiência ordinária: "A filosofia tem de transformar em objeto de investigação tudo o que alhures se pressupõe como evidente"[18], assim, dos mais simples temas, aos mais complexos, se pode fazer filosofia, constatar de forma objetiva – proposta da fenomenologia – e chegar à essência da coisa mesma. A partir da proposta fenomenológica, portanto, consideremos como a questão do Ser se apresenta no pensamento steineano.

O Ser em Edith Stein

Situados na vida e no contexto histórico-filosófico da autora, se pode partir para os aspectos a que o presente artigo se destina: a pes-

---

[14] U. Zilles, *Panoramas das filosofias do século XX.*, 26.
[15] Ibid, 28
[16] Ibid, 31
[17] E. Stein, *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino,* São Paulo 2019.
[18] Ibid, 151

soa humana. Para chegar ao objetivo, é preciso analisar a questão do ser. Stein estabelece a questão da seguinte forma: "O ser não se pode definir [...] [*O ser*] Se percebe em tudo que é percebido, e está contido na própria percepção"[19] (STEIN, p. 561, 2017) o "ser" é, portanto, um ato, uma ação e um movimento, o homem é o lugar de possibilidade da compreensão do ser e sua estrutura, através da mútua relação entre corpo e alma, entre ato e potência, finito e eterno.

Em sua obra "Ser finito e Ser eterno" (2007) aparece aquilo que a filósofa destacará como aspecto constitutivo do homem. A pessoa é corpo (*Köper*) e vida (*Leib*), uma vez que nela se encontra o vértice da unidade entre o que é passageiro (instinto e reações sensoriais) e o que é eterno e divino, presente na vida espiritual. No entanto, não se trata de uma simples dualidade de caráter greco-platônico, mas uma unidade estrutural que forma a pessoa. Tal possibilidade de "diversidade do ente" foi aberta nos filósofos da Idade Média. Edith Stein alude, e principalmente se apoia, em São Tomás de Aquino:

> Dentro do *ente* (*ens*) se faz uma distinção entre o *ser (esse)* e a essência (*essentia*). Graças a essa distinção se concebe o *ser enquanto tal* – separadamente *do que é* – de tal forma que se abarca o finito e o infinito, e, ao mesmo tempo, o abismo que separa este com relação àquele.[20]

Desta forma, o ser, que é movimento e devir, está sempre na fronteira do não-ser, e esse movimento coloca o homem em uma disposição favorável para propriamente constituir-se como pessoa, que se configura como resultado de um processo formativo, "partindo sempre da questão fundamental: que é o ser humano? Tal questão define a visão e o ato educativo"[21].

Para essa construção do ser enquanto pessoa, E. Stein se engaja profundamente no método fenomenológico que, ao visar a objetividade e as "coisas mesmas", não permanece estagnada em conceitos prontos, mas tem um caráter de infinitude que busca aprofundar o ser pessoa humana em uma "preocupação descomunal com o ser humano na sua integridade e sua relação ética com o diferente, com o outro,

---

[19] E. Stein, *Obras Completas,* Madrid 2007, 561.

[20] Ibid, 657. Do original, em Espanhol: "Dentro de el ente *(ens)* se hace una distinción entre el ser *(ese)* y la essencia *(essentia)*. Gracias a esta distinción se concibe el ser en cuanto tal – separadamente de lo que es - y por tanto de tal forma que abarca finito y infinito, pero al mismo tiempo el abismo que separa a éste de aquél"

[21] E.S.O. Nogueira, *O ser humano e sua formação pessoal em Edith Stein: um gesto empático*, *Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 29, n. 3, 2019, 2. Disponível em: http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7144/4390 [24.8.2023]

com o estrangeiro"[22]. Tal é o caminho de Stein, ou seja, uma preocupação com aquilo que forma a pessoa em todos os seus aspectos, considerando-a corpo e vida, lugar do ser. Nela, uma dimensão fenomenológica se efetiva no que se refere ao que a pessoa é, e como ela se dá ou se torna aquilo que deve ser.

Esse caminho de ascensão ao sentido do ser "tenta mostrar como o existente humano na sua autocompreensão deve superar-se e assim chegar a compreender o ser de Deus como fundamento da sua realidade finita e contingente"[23]. Portanto, é preciso levar em conta compreensão dos aspectos mais profundos da constituição da pessoa, abordado em Stein por meio dos aspectos do ser eterno (transcendência e infinitude) e do ser finito (a contingência).

A transcendência: O ser eterno

Desde a questão fenomenológica do ser, se desdobra aquela da transcendência e o místico. Como apontamentos que não podem ser ignorados, tampouco vistos como tabu pela atividade filosófica:

> A estrutura do ser humano – como indivíduo psicofísico e espiritual – e o laço que ele estabelece com as coisas, com outros seres humanos e com Deus são os aspectos que compõe o homem na sua individualidade e no amplo contexto de sua sociabilidade. O ser humano é visto neste emaranhado de relações, marcado por sua abertura, um ser livre e espiritual.[24]

Um exemplo também pode ser encontrado no próprio apóstolo dos gentios, Paulo, já nos apresenta: "que o espírito, alma e corpo de vocês se conservem íntegros e irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor" (1 Ts 5, 23b). Portanto, diante das apresentações daquilo que constitui o ser pessoa humana, não precisamos temer um risco teológico, visto que a apresentação do ser "em tudo aquilo que é" tem sua característica profundamente filosófica, ontológica e antropológica, na qual o aspecto da transcendência não pode ser ignorado.

---

[22] S.A.Grzibowski, *A fenomenologia no pensamento de Edith Stein,* in G.L. dos Santos, M.R. Farias, *Edith Stein*, 150.

[23] M. Mahfoud, J.S. Filho, *Diálogos com Edith Stein*. São Paulo 2017, 17.

[24] M.B. Kusano, *O Conceito de Espécie em Edith Stein*, in G.L. dos Santos, M.R. Farias, *Edith Stein*, 129.

A própria filosofia viu a falácia de arraigar-se somente na razão e na experiência sensível, somente a razão não conduz à possibilidade de abarcar aquilo que é o homem e aquilo que nos faz pessoa. Edith Stein, em sua própria vida, é mostra de que filosofia se faz com a vida. A filósofa viveu aquilo que se referiu ao problema da empatia ao servir na primeira guerra mundial, cuidando daqueles que caíam feridos. Em sua própria experiência vital com o outro, pôde reconhecer: "o Outro como alguém como eu, embora diferente de mim, único e singular"[25]. Portanto, é desta forma vivencial que se verifica como a empatia tem seu caráter espiritual. Stein (2007) escreve:

> É possível que dois homens ouçam juntos uma notícia que captam racionalmente com claridade o conteúdo: por exemplo, o anúncio do assassinato do rei no verão de 1914. Um deles 'não considera as consequências' do que acaba de saber, continua tranquilamente a sua vida [...]. O outro está profundamente transtornado; prevê uma grande guerra europeia em perspectiva, [...] e vive na espera tensa e febril do que vai acontecer. A notícia penetrou profundamente no seu ser. [26]

Farias (2014) registra que é preciso constatar a pessoa como sujeito espiritual, que se efetiva na experiência tanto particular quanto intersubjetiva: "a apreensão, uma capacidade não mais psicofísica, mas espiritual, [...] que por sua vez está sujeita a uma lei racional dotada de compreensibilidade, e entre outras vivências está inclusa na empatia"[27], ou seja, é parte constituinte da pessoa, de maneira não somente imanente, mas transcendente. A apreensão se apresenta, na perspectiva steineana, como um processo empático.

Tal ato espiritual de apreensão trabalha dentro do processo formativo, e da autoformação e de como este precisa ser articulado com vista no desenvolvimento integral. Se trata, portanto, de olhar para a

---

[25] NOVINSKY, I. A pessoa de Edith Stein, a pessoa humana em Edith Stein *in* SANTOS, G. L. dos; FARIAS, M. R. *Edith Stein:* A Pessoa na Filosofia e nas Ciências Humanas. 18 ed. São Paulo: Fonte editorial, 2014, 215.

[26] E. STEIN, *Obras Completas*, 1026. Do original, em Espanhol: "Es posible que dos hombres oigan juntos una noticia y que capten racionalmente com claridade el contenido: por ejemplo, el anuncio del asesinato servio del rey em el verano de 1914. Uno de ellos 'no considera las consequencias' de lo que acaba de saber, continua tranquilamente su vida [...] el otro está profundamente transtornado; prevé uma gran guerra europea em perspectiva [...] y vive en la espera tensa y febril de lo que va suceder. La noticia há penetrado profundamente em el íntimo de su ser."

[27] M.R. FARIAS, *A Empatia e a Ética*, in G.L. DOS SANTOS, M.R. FARIAS, *Edith Stein*, 28.

"alma da alma", para o núcleo da pessoa: "que apesar de ser o mesmo, em termos de princípios, para todos os seres humanos, é individualizado para cada pessoa"[28]. Realizar-se e tornar-se si mesmo, a partir dos processos de identificação com o núcleo do ser, é a principal tarefa da formação humana, segundo a estrutura tanto comum e universal quanto a estrutura específica e pessoal.

Em Edith Stein, há, portanto, este cotejo filosófico e teológico sem medo de uma distinção ou cisma entre fé e razão, que tanto marcam o tempo presente:

> O caminho da fé nos dá mais do que o do conhecimento filosófico; o caminho da fé nos conduz ao Deus pessoal e próximo, ao que ama e ao misericordioso e nos dá uma certeza que não se encontra em parte alguma pelo conhecimento natural [29]

O caminho da experiência religiosa – e da transcendência – é um caminho possível para o conhecimento do ser humano, uma vez que a filosofia e a razão podem falhar nas respostas sobre a origem do mundo, do gênero humano e de sua estrutura essencial. A pessoa finita, como veremos a seguir, tem seu fundamento naquilo que é infinito, ou seja, em Deus, e o caminho da abertura ao transcendente nos oferece um meio para se chegar ao núcleo da pessoa, ou da coisa mesma que é a pessoa, a fim de que possa ser e crescer dentro e conforme aquilo pelo qual ela é chamada.

A PESSOA: O SER FINITO

A pessoa, portanto, em Stein é identificada como lugar do ser, presente nela está o corpo, a alma e o espírito que formam um todo e colocam o ser pessoa humana em um constante devir; na constante fronteira entre o ser e o não ser. Este é um movimento no qual a formação pessoal, social, espiritual, intelectual e todos os outros aspectos se faz presente como força motriz em vista do vir a ser aquilo que se é: "ao atualizar a uma possibilidade do modo de ser, ocorre uma

---

[28] A.A. SBERGA, *A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior,* São Paulo 2015, 51

[29] E. STEIN, *Obras Completas,* 669. Do original em Espanhol: "el camino de la fe nos da más que el del conocimiento filosófico; el camino de la fe nos conduce al Dios personal y cercano, al amante y misericordioso y nos da una certeza que no se encuentra en ninguna parte en el conocimiento natural"

transformação da pessoa, que se posiciona então existencialmente de forma distinta"[30].

A formação é um processo que acontece de dentro para fora, pois há, segundo Sberga (2015) uma força vital que confere o dinamismo na formação integral do ser humano de forma que o desenvolvimento vai muito além do intelecto, cognição e razão, mas parte do mais profundo das potencialidades internas para que venha o homem a se tornar ato. Tal é a característica principal de um processo educativo: entender o que é o homem enquanto objeto e sujeito da educação.

Para compreender o homem, como ser finito, pode-se perfazer um processo de notar o que o identifica como diferente do animal. Tanto no homem, quanto no animal, há a existência de uma alma: "todo corpo vivo tem um lado anímico"[31] que não se trata de um dualismo, mas duas substâncias que foram uma unidade: "uma matéria formalizada vitalmente, cuja forma se manifesta na matéria e simultaneamente se expressa interiormente na atualidade da vida anímica"[32].

Nogueira (2019) afirma que "formar-se significa passar do homem animal ao homem pessoa", a pessoa, em tudo aquilo que a constitui, é o objetivo da formação, que se constitui não apenas nos profissionais da educação e na escola, formalmente, mas é uma tarefa de todos, como instrumentos para conduzir o outro à realização como pessoa. Nos aspectos da formação dentro daquilo que nos é comum, também nos interessa o que nos marca individualmente, ou seja, a questão das especificidades dos gêneros, como trataremos a seguir.

O Masculino e o Feminino

Dentro do desafio de tornar-se pessoa, não podemos nos furtar a observar certas questões práticas e sociais que ocorrem em meio ao contexto histórico e filosófico de Edith Stein, bem como atentos aos que ocorrem hoje, a saber, a questão do masculino e do feminino, que alguns podem denominar gênero, mas aqui, de acordo com a litera-

---

[30] I. Novinsky, *A pessoa de Edith Stein, a pessoa humana em Edith Stein,* in G.L. dos Santos, M.R. Farias, *Edith Stein*, 212.

[31] E. Stein, *La estructura de la persona humana,* Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid 2007, 55. Do original, em Espanhol: "Todo cuerpo vivo tie ne um lado anímico".

[32] Ibid, 56. Do original, em Espanhol: "uma matéria formalizada vitalmente, cuya forma se manifesta em la matéria y simultaneamente se expressa interiormente em la actualidad de la vida anímica".

tura utilizada[33], podemos trabalhar o masculino e feminino (antropologia dual da tradição católica a qual Edith Stein encontra-se ancorada), sem desconsiderar, no entanto, as diversas nuances que o tema pode nos proporcionar, mas que podem ainda carecer de estudo.

Edith Stein encontra-se na aurora de um tempo que favorece o desenvolvimento de um papel mais ativo da mulher na sociedade. O ano de 1901, na Alemanha, marca a abertura da possibilidade de as mulheres ingressarem na universidade, e, em 1919, há o direito pleno da mulher como cidadã: "naquele período Stein participa do movimento sufragista alemão, que garantiu para mulher o direito ao voto, mas logo percebeu que os direitos estavam sendo ameaçados"[34]. Edith Stein, portanto, não deixava de se engajar naquilo que destacava como responsabilidade social:

> Eu ficava indignada com a indiferença que a maioria dos meus colegas ostentava diante das questões de interesse geral [...] Em razão desse forte sentimento de responsabilidade social, eu me engajei também, resolutamente, em favor do direito de voto das mulheres. Isso não era algo óbvio na época, mesmo no seio do movimento cívico das mulheres. A associação prussiana pelo direito do voto das mulheres, a qual aderi com minhas amigas visando à igualdade política plena e inteira para as mulheres, era formada majoritariamente por socialistas[35]

Desta forma, Edith Stein nos mostra um caminho próprio em que partia de um conservadorismo prussiano para uma postura mais democrática e igualitária, sem, no entanto, se perder em algum revolucionarismo, visto que Stein "critica uma busca de emancipação que negue a natureza feminina, ora desconsiderando qualquer diferença em relação ao homem, ora os colocando como rivais, com ênfase na diferença"[36]

A questão da mulher, portanto, em Edith Stein, se antecipa ao posicionamento da Igreja Católica no tema, que dos escritos da filósofa também pode-se dizer que iluminaram os desdobramentos para publicações a respeito da dignidade e missão da mulher dentro do

---

[33] A saber, os estudos organizados por A.F. Holanda et al, *Masculino e Feminino na Fenomenologia de Edith Stein,* Curitiba 2020.

[34] M.C.M. Rocha, M.C.I. Parise, *A questão da mulher em Edith Stein: Feminilidade, Empatia e Maternidade*, in A.F. Holanda et al, *Masculino e Feminino na Fenomenologia de Edith Stein*, 86.

[35] E. Stein, *Autobiografia de uma família judia*, 139-140

[36] M.C.M. Rocha, M.C.I. Parise, *A questão da mulher em Edith Stein: Feminilidade, Empatia e Maternidade*, 86.

corpo eclesial, haja vista a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*[37], sobre a promoção efetiva da dignidade e da responsabilidade das mulheres, publicada pelo mesmo Papa que beatificou e canonizou a irmã Teresa Benedita da Cruz.

Estando a pessoa no centro do processo formativo, tornamo-nos capazes de utilizar um método para compreensão do "ser-aí-assim" que é o ser humano. No entanto, há dimensões que precisam ser levadas em conta no que tange a estrutura de cada pessoa, compreendidas nos aspectos específicos encontrados em cada um, sendo ou predominantemente feminina ou masculina, tais aspectos somente são compreendidos pela redução eidética, o caminho de investigação para o núcleo *(kern)* o qual Stein se refere à "alma da alma" de cada indivíduo:

> Para Edith Stein a feminilidade e a masculinidade ocupam um papel essencial na formação do indivíduo humano, algo que não ocorre nas outras espécies de animais. Diferentemente dos outros seres vivos, a *species,* ou a sua forma interna específica, não está totalmente pronta desde o início de seu ser. Ela se desenvolve no indivíduo concreto, em um processo temporal, dependendo de diversos fatores entre os quais a liberdade humana, que permite ao ser humano interferir na própria formação e na dos outros.[38]

Tendo, portanto, em vista que o engajamento de Edith Stein por igualdade não se pode reduzir a somente uma vã revolução, é importante registrar que a concepção steineana se liga principalmente ao desenvolvimento da "alma da alma" de cada pessoa, desde se núcleo. É uma passagem, um processo, e um movimento em direção ao cumprimento da vocação que está inscrita em cada um, "propondo uma igualdade profunda entre homens e mulheres, sem perder de vista as suas especificidades"[39]. Este processo é possível de ser descrito e cons-

---

[37] João Paulo II., *Mulieris Dignitatem,* Roma 1988: "Auspiciaram [os Bispos] o aprofundamento dos fundamentos antropológicos e teológicos necessários para resolver os problemas relativos ao significado e à dignidade do ser mulher e do ser homem". Neste trecho da carta, se evidencia também algum traço do trabalho filosófico de Edith Stein no tema, visto que reitera a necessidade do posicionamento acerca da natureza objetual (homem e mulher) e seu destino, missão e vocação. À luz do aspecto da substancialidade ontológica que se apresenta na alma e da forma acidental que se dá pela especie. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1988/documents/hf_jp-ii_apl_19880815_mulieris-dignitatem.html. [21.8.2023]

[38] M.C.M. Rocha, M.C.I. Parise, *A questão da mulher em Edith Stein: Feminilidade, Empatia e Maternidade*, 93-94

[39] Ibid, 98

tatado por meio do método fenomenológico, que se encontra no plano de fundo do estudo da autora:

> Edith Stein explora a hipótese da existência de uma tríplice vocação, comum a todo ser humano, independente de cor, raça, sexo, condição social, etc. (evidenciada pelo fenômeno da empatia); uma vocação específica a cada gênero, masculino ou feminino (forma interna ou espécies) e uma vocação individual e irredutível a cada pessoa, a sua forma pessoa individual, com seu caráter e suas qualidades específicas, a sua individualidade.[40]

No entanto, não podemos confundir a afirmação da vocação como presa a um determinismo biológico. Uma essência feminina de cuidar, de ser mãe, por exemplo, pode muito bem habitar também na pessoa masculina, visto que, a maternidade, por exemplo, é "dom da disponibilidade interior e é dom recíproco de si por parte tanto do homem como da mulher, salienta o sentido do ser humano, do valor do dom de si, da pessoa"[41]. Por isso, em Edith Stein, a experiência de tornar-se pessoa vem de dentro para fora, da alma para o corpo e para a missão.

Os aspectos abordados com relação à finitude e infinitude – propriedades do ser – e da "questão de gênero" na abordagem steineana de redução fenomenológica para se conhecer o núcleo da pessoa e conhecer aquilo que é chamada a ser-no-mundo, nos podem oferecer um panorama da visão de Stein para o desenvolvimento da pessoa na questão ontológica e antropológica. Podemos então verificar aspectos práticos, do mundo da vida e da educação, e como este percorre o processo da formação humana.

Formação Humana em Edith Stein

Em Edith Stein, considerando os elementos acima analisados, é possível dizer que se abrem novos horizontes para uma filosofia da educação, tendo em vista especialmente seu cuidado em compreender o homem "no seu amplo contexto sociológico, psicológico e religioso"[42], uma vez que suas obras são centradas na pessoa como objeto, centro e fim de toda existência. A pessoa humana é relacional e mem-

---

[40] Ibid, 98
[41] Ibid, 98
[42] A.J.G. Machado, *A educação steineana: aspecto estruturante da pessoa humana*, 94.

bro de uma comunidade na qual está inserida, não pode ser compreendida isoladamente – nem assim viver – sempre há uma comunidade.

Adair Sberga (2015), constata que a formação humana atinge seu maior objetivo quando a pessoa é colocada no centro do processo educativo e pode, neste processo, contemplar e vir a ser tudo o que a realiza como corpo e vida. Dessa maneira podemos entender de forma mais completa o que se propõe por meio da educação steineana: "a pessoa pode se desenvolver por meio da formação do seu corpo, da sua psique e da sua alma, em consonância com a atualização constante daquilo que está traçado em seu núcleo interno"[43].

O processo educacional se dá por meio tanto da educação quanto do ensino. Em Edith Stein, temos, como já apresentado, uma certa diferenciação de função entre esses termos, que encontram na própria pessoa a sua unidade. Educação se refere principalmente ao nível do crescimento de si mesmo: "pode-se entender o educar como uma incidência sobre a vontade, no sentido de persuadir para a tomada de decisões"[44]. O ensino, por sua vez, se refere principalmente ao campo do entendimento e do uso das capacidades cognitivas e intelectuais, de "se abrir a para o desenvolvimento de alguma potencialidade que conduz para se tornar algo"[45]. Desta forma a educação em Edith Stein é o que hoje também se refere ao termo *bildung*[46], que destaca a formação integral da pessoa no campo da educação formal, da escola.

A formação da pessoa humana se efetiva em todos os aspectos em que a pessoa se insere, em uma formação integral, não se referindo somente a um simples "*mens sana in corpore sano*" dos antigos romanos. Todavia, ao considerarmos o pensamento de Edith Stein, não podemos ignorar a presença da transcendência do homem. Na pedagogia, conduzimos o outro para aquilo que ele deve se tornar e ser, desenvolvendo-se em tudo o que lhe contém, porém, não podemos chegar à profundidade ontológica da pessoa: "o educador não conse-

---

[43] A.A. Sberga, *A formação da pessoa em Edith Stein*, 36

[44] Ibid, 15

[45] Ibid, 15

[46] Pedro Goergen (2017) pode ser um nome importante para contribuir no destaque devido ao termo alemão *bildung,* aplicado à educação como uma "teoria para a formação". Em seu artigo, trata do renascimento do termo como uma ferramenta de contraposição à discrepância observada entre o processo de racionalização do homem, trazido pelo iluminismo, e a realização integral do homem no processo de tornar-se pessoa: "o ideal da *Bildung* reforça a ideia da autoformação" (P. Goergen, *Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas*, *Revista Espaço Pedagógico* 24 (2017), 5).

guirá nunca compreender perfeitamente a natureza do educando"[47]. É impossível ignorar a dimensão da transcendência no âmbito da formação humana. Em E. Stein, Deus é o educador por excelência. Educar tem em conta fazer com que o homem atinja seu fim últimos na salvação, felicidade e realização, tais elementos, advindos da cosmovisão cristã, são os princípios de conhecer, amar e servir a Deus. É o principal fim último do homem e da mulher e, no pensamento steineano, conduzir pelo místico também é parte constituinte da formação da pessoa.

Portanto, o homem que caminha para a realização nunca o faz isolado, sempre o faz em comunidade, no entanto é na pessoa – no lugar do ser – que se dá a realização da mesma, visto que a pessoa, como centro mesmo da individualidade e a comunidade como lugar de acolhimento e realização do eu. Por isso, seguiremos abordando a pessoa no centro do processo de formação em direção a sua realização como sujeito de sujeitos (inserido em uma comunidade).

A PESSOA HUMANA: OBJETIVO DA FORMAÇÃO

No processo de constante devir em que a pessoa se insere, apresenta-se também um *telos*, um objetivo: "Trata-se mais de uma atividade constituinte que se desdobra ao longo da experiência como passagem ao ato"[48], por isso o método fenomenológico encontra lugar ideal para o caso da problematização do ser, como observaram Husserl, Edith Stein e outros, porque produz novas estruturas de sentido que nunca são ligadas apenas a um sujeito individual, mas "em conexão com uma comunidade de indivíduos"[49].

A conexão da pessoa com a comunidade é parte importante do processo pedagógico, que não deixa de se atentar com aquilo que circunda o indivíduo, mas que pertence a um povo ou a uma raça. Para auxiliar o trabalho pedagógico, a antropologia encontra aqui seu mérito. Ancorada nas ciências do espírito, porque diferente das ciências da natureza, se efetiva como um estudo capaz de descrever contextos individuais e caracterizar aqueles nos quais o homem está inse-

---

[47] A.J.G. MACHADO, *A educação steineana: aspecto estruturante da pessoa humana*, 100.

[48] F. FERRAGUTO, *Husserl: a ingenuidade da vida e o filosofar ingênuo*, in E. FALABRETTI, J. OLIVEIRA, *Fenomenologia da Vida,* Caxias do Sul 2019, 19.

[49] Ibid, 19

rido e "é missão do educador formar [o homem] não somente como indivíduo, mas também como membro do todo"[50].

A pessoa no centro do processo também carrega consigo um método livre e a ativo de formação. A liberdade é importante no sentido de proporcionar um desenvolvimento que não se dá pelo cumprimento de comandos ou da vontade do outro. A pessoa se forma de dentro para fora, por isso, a liberdade na tomada de consciência, fomentada pelo diálogo, pelo protagonismo e desenvolvimento de capacidade de análise e decisão, é fundamental no processo:

> É por meio da educação, das experiências de vida, das relações humanas e/ou de outros fatores que a pessoa vai gradualmente fazendo a experiência de se expressar por si mesma, de formar pensamentos, de emitir suas opiniões e julgamentos e, quanto mais consciente estiver sobre o modo como está vivendo e agindo no mundo, mais possibilidades terá para agir com liberdade, autonomia e responsabilidade.[51]

Para que o processo de formação, dentro do aspecto da educação steineano, seja integral, portanto, é preciso atenção àquilo que faz com que de fato o desenvolvimento se efetive: corpo, alma e psique em processo constante de experiências e relações se equilibrando e reequilibrando, assimilando-se e engajando-se na comunidade em que pertence, com vista ao objetivo da felicidade e salvação que se encontram no fim último da pessoa.

Sobre uma arte de educar

Consideramos, portanto a educação e o ensino como um processo de vir a ser. Este é um caminho livre, protagonizado pela pessoa, autônoma e ativa quanto possa ser, ocupando-se da pessoa inteira, em uma formação integral. Constitui-se, assim, num processo pedagógico que está: "a disposição do educador é capaz de penetrar a alma do educando, exprimindo não só um processo de conhecimento intelectual, mas um processo original e vinculado a totalidade do sujeito"[52].

---

[50] E. Stein, La estructura de la persona humana, 22.

[51] A.A. Sberga, *A formação da pessoa em Edith Stein*, 74

[52] L.A. Brustolin, P.E.L. Teixeira, *A Educação em Edith Stein: Breve Análise Histórica e Conceitual*, in C. Perette, V.F. Dullius, *A Arte de educar por uma Pedagogia Empática em Edith Stein,* Curitiba 2018, 37.

É por este sentido que o termo *bildung,* do alemão, tem a melhor correspondência para tratar da formação humana, uma vez que em sua amplitude de significado consegue abranger a integralidade da pessoa, com vista a uma pedagogia empática, ou seja, comunitária, que sai de si e se compromete com o outro. A formação pessoal, para a transformação naquilo que a pessoa deve ser, é também uma formação social, que visa cumprir também uma função comunitária.

Dentro desse aspecto, Sberga (2018), apresenta uma análise interessante ao mostrar depoimentos de militares, cuja formação, principalmente nos anos iniciais de vida na caserna, está ancorada no espírito de corpo e na coletividade. Tais depoimentos são de um sargento iniciante e de um capitão com anos de experiência[53]. Em ambos os depoimentos, a respeito dos cursos de formação e aperfeiçoamento, aparece aquilo que está no cerne do que almeja ser a formação militar: "se pretende, muitas vezes, uma mudança não só de comportamento ou de postura do militar, mas de caráter, para que assumam com maior fortaleza uma personalidade mais determinada, arguta, disponível, generosa e comunitária"[54]. Dentro desta comunidade militar, por exemplo, há um espírito de formação que pretende ser integral, desde a pessoa até a sua relação com a organização a que pertence como "sujeito de sujeitos" (comunidade).

No que se refere ao elemento comunitário, como elemento marcante e exigido na deontologia militar, mostra-se a importância, principalmente diante da formação para situações adversas, a doação de si pelo bem coletivo, em prol do mesmo. A formação humana não se dá somente nas elocubrações filosóficas e teóricas, ela se dá também na vida prática e principalmente comunitária, em que potência e ato seguem atualizando as potencialidades do que se pode chegar a ser, na esteira do núcleo da pessoa. A formação não trata somente de uma matéria para a educação, mas para todos e de cada um, em cada comunidade em que a pessoa se insere.

A dinâmica formativa de vida é um processo do ser biopsicossocial, que se percebe sempre em relação a outros, ele é intersubjetivo: "É a partir dessa abertura, dessa relação entre sujeitos, que se chega à constituição do indivíduo próprio."[55]. A pessoa, em sua autonomia,

---

[53] Os depoimentos podem ser encontrados no artigo de A. Sberga, publicado na obra organizada por C. Perette, V.F. Dullius (2018), p172-175.

[54] A.A. Sberga, *A dimensão comunitária da Formação Humana em Edith Stein,* in C. Perette, V.F. Dullius, *A Arte de educar por uma Pedagogia Empática em Edith Stein,* 174.

[55] Ibid, p, 185

descobre-se inserida na comunidade e tal comunidade é um forte elemento formativo:

> O que o indivíduo faz ou representa no mundo social (estudante, filho, profissional, político, etc.) contribui para aprimorar a forma de toda a sua estrutura psicofísico e espiritual, e do seu pertencimento social. Dessa forma o meio social é determinante na formação da pessoa, pois na relação comunitária uma pessoa exerce influência sobre as outras e há uma colaboração recíproca, um ajuda o outro a se formar.[56]

Esse processo de educação social, é enriquecido quando cada pessoa é capaz de assumir com maturidade a sua função dentro da comunidade em que participa, uma vez que a comunidade é formada pelas mais diversas singularidades.

Considerações finais

Edith Stein se doou tanto pela filosofia, quanto pela Igreja, quanto pela educação e principalmente pela verdade que haveria descoberto em todas as coisas: a pessoa de Jesus Cristo. Portanto, cresce de importância a contínua investigação e exploração de seu pensamento, tendo em vista, principalmente, as necessidades hodiernas de revisitação e revalorização da antropologia filosófica, da filosofia da educação e da contínua necessidade de interrelação entre os temas da ciência do espírito e a fé.

A antropologia filosófica de Edith Stein aqui apresentada, demonstrou seu pensamento inserido na fenomenologia e na sua etapa do pensamento cristão. Perpassamos o conceito de ser pessoa humana através do que nos apresenta a filósofa, dentro do seu contexto histórico-filosófico, e como tal conceito é um processo gradativo e contínuo de vir-a-ser, no qual os temas universais (a questão do ser) e específicos (a questão da pessoa) se apresentam. Bem como, algumas reflexões, em consonância com algumas discussões atuais, que demonstram como a pessoa, no está no centro do processo educativo, se desenvolve de dentro para fora, devendo ser formada desde si mesma para a autonomia, liberdade, e corresponsabilidade com a comunidade.

O legado de Edith Stein para a ontologia, para a antropologia e para a educação permanecem com diversas nuances a serem explora-

---

[56] Ibid, 188-189

das, que podem ser retomadas em pesquisas futuras, visto que o campo de trabalho na autora permanece capaz de iluminar diversas questões na atualidade que tratam das questões que neste breve estudo nos propusemos a analisar dentro da educação steineana e nos aspectos formativos da pessoa humana, à luz de seu pensamento.